

**Da Lama ao Caos, Três Décadas Depois: a arte como espelho da
resistência e persistência das desigualdades socioambientais na Região
Metropolitana de Recife**

Maria Eduarda da Silva Santos

Isadora de Melo Pires

Maria Isabel de Farias Sales

Ronald de Santana da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Caruaru

ronald.silva@caruaru.ifpe.edu.br

Resumo

Este artigo propõe um retrospecto da situação socioambiental das populações ribeirinhas na Região Metropolitana do Recife, decorridos trinta anos do lançamento do álbum *Da Lama ao Caos* (1994), de Chico Science & Nação Zumbi. O estudo toma a obra do Manguebeat como ponto de partida crítico para analisar a persistência e as transformações dos desafios vivenciados por esses povos. Foi nesse cenário de marginalização que a força expressiva do Manguebeat emergiu, dando voz às periferias esquecidas e denunciando a falta de saneamento, a ausência de políticas públicas e o desprezo pelas condições de vida à beira dos rios urbanos. O objetivo geral do trabalho é investigar, sob uma perspectiva teórica e documental, como a realidade dessas populações evoluiu (ou não) nas últimas três décadas, e de que forma a arte e a cultura continuam sendo ferramentas de denúncia, resistência e visibilidade. A metodologia adotada é qualitativa e documental, baseada na triangulação de dados censitários (IBGE, 2023), reportagens de jornais digitais pernambucanos e análise cultural das letras do Manguebeat. Os resultados demonstram que problemas crônicos como a ausência de saneamento básico (que afeta 35% das residências em áreas ribeirinhas de Pernambuco, conforme o IBGE (2023)) e a insegurança habitacional em áreas de risco persistem. A análise, focada na comunidade de Rio Doce, Olinda, revela, contudo, a resiliência e a crescente mobilização comunitária. Essa mobilização utiliza plataformas digitais para ecoar o chamado à organização e à resistência, tal qual na máxima de *Da Lama ao Caos*: "que eu me organizando posso desorganizar" (SCIENCE; NAÇÃO ZUMBI, 1994). Conclui-se que a obra de Chico Science e Nação Zumbi não é apenas um registro histórico, mas um espelho que reflete as contradições do presente, onde a luta por dignidade e justiça socioambiental continua.

Palavras-chave: Manguebeat. Populações Ribeirinhas. Saneamento Básico. Resiliência Comunitária.

Introdução

A Região Metropolitana do Recife, marcada historicamente por desigualdades sociais e ambientais, abriga um conjunto de comunidades ribeirinhas frequentemente negligenciadas pelo

poder público. Foi nesse cenário que, há exatos 30 anos, emergiu o álbum *Da Lama ao Caos* (1994), de Chico Science & Nação Zumbi, cuja força expressiva denunciava a dura realidade vivida por esses povos e os impactos da marginalização. Através de uma linguagem artística inovadora e politizada, o Manguebeat deu voz às periferias esquecidas, denunciando a falta de saneamento, a ausência de políticas públicas e o desprezo com as condições de vida à beira dos rios urbanos.

Este trabalho de pesquisa nasceu no ambiente acadêmico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) - Campus Caruaru. Inicialmente apresentado na 1ª Feira de Tecnologia, Educação e Ciência do município de Caruaru (FETEC), o projeto foi agraciado com a bolsa de pesquisa, reconhecendo a relevância de se estudar a intersecção entre arte, cultura e problemas sociais. O interesse central da equipe, formada por estudantes do ensino médio, sempre foi estabelecer uma relação direta e engajadora entre a arte de Chico Science & Nação Zumbi e a situação dos povos ribeirinhos. Por sermos admiradores das músicas, notamos desde o início a importância e a atualidade da crítica social presente na obra.

Estudar essa realidade três décadas depois é essencial. O tema torna-se ainda mais relevante quando se percebe que, embora algumas políticas públicas tenham sido implementadas, muitas das problemáticas citadas na década de 1990 ainda persistem — como o precário saneamento básico, a escassez de água potável, a coleta irregular de lixo e a insegurança habitacional em áreas ambientalmente frágeis. Além disso, observamos que muitos de nossos colegas, estudantes do ensino médio, desconhecem a obra e a importância sociopolítica desse artista. Assim, este trabalho se constitui não apenas como uma análise rigorosa das permanências e transformações socioambientais (Silva; Costa, 2023), mas também como uma forma de divulgar a obra de Chico Science e endossar a denúncia pública sobre o descaso com as comunidades ribeirinhas.

Neste estudo, o álbum foi tomado como ponto de partida para uma análise crítica e teórica, embasada em referências acadêmicas, dados oficiais, documentários jornalísticos e registros da cultura popular. O objetivo geral deste trabalho é investigar, sob uma perspectiva teórica e documental, como a realidade das populações ribeirinhas da Região Metropolitana do Recife evoluiu (ou não) nas últimas três décadas, e de que forma a arte e a cultura continuam sendo ferramentas de denúncia, resistência e visibilidade para esses povos (Porto-Gonçalves, 2020). Para tanto, o estudo se propôs a realizar um levantamento bibliográfico e documental sobre a situação socioambiental nas décadas de 1990 e 2020; a analisar criticamente a obra *Da Lama ao Caos* como

metáfora e ferramenta de denúncia da marginalização urbana; a comparar os dados atuais (censitários e jornalísticos) sobre infraestrutura e habitação com o cenário retratado pelo Mangubeat há trinta anos; e a identificar e discutir a presença de políticas públicas e movimentos de resistência comunitária nos territórios ribeirinhos estudados.

Metodologia

O presente estudo se enquadra metodologicamente como uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e documental. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela ênfase na compreensão aprofundada dos fenômenos sociais, culturais e espaciais (como a marginalização e a resistência) e na análise do significado das obras de arte, fugindo da mera quantificação dos dados (Gil, 2019).

O caráter exploratório da pesquisa permitiu a maior familiaridade com um tema que interliga a história da música, a desigualdade urbana e a socioeconomia do saneamento básico, tendo como ponto de partida a hipótese do impacto duradouro do álbum *Da Lama ao Caos* (Severino, 2017).

A base do trabalho é a pesquisa documental, que consiste na análise de materiais que não receberam tratamento analítico prévio ou que podem ser reinterpretados sob nova perspectiva (Gil, 2019). O desenvolvimento do estudo seguiu as seguintes etapas de coleta e análise de dados:

1. Levantamento Bibliográfico e Teórico: Análise de livros e artigos acadêmicos (Porto Gonçalves, Guimarães e Carvalho) para fundamentação dos conceitos de desigualdade socioespacial, resistência e Mangubeat.

2. Análise Documental Oficial (Dados Secundários): Coleta e interpretação de dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023) sobre saneamento e domicílios na Região Metropolitana do Recife, comparando-os com o cenário da década de 1990.

3. Análise Documental Jornalística e de Redes Sociais: O exame das reportagens foi realizado por meio de buscas eletrônicas direcionadas, focadas em veículos de imprensa de Pernambuco (como *Diário de Pernambuco* e *Folha PE*). A coleta de dados documentais, que inclui o monitoramento de plataformas de redes sociais para identificação de mobilização comunitária, utilizou palavras-chave como: "Rio Doce saneamento", "Moradores Rio Doce Olinda", "poluição canais Olinda" e "povos ribeirinhos Recife". Embora as buscas tenham sido estendidas a redes

como Facebook, Instagram e X (Twitter), a pesquisa não obteve sucesso em quantidade e qualidade de material para análise nas redes sociais. As notícias e postagens foram analisadas no período compreendido entre janeiro de 2014 e julho de 2024, sendo utilizadas como testemunho da realidade atual das comunidades ribeirinhas (ex: Rio Doce), garantindo o status quo da denúncia.

4. Análise Cultural e Estética: Estudo crítico do álbum *Da Lama ao Caos* (1994) e de obras de crítica cultural sobre o Mangubeat (Monte e Rosa, 2016), identificando metáforas (a "lama") e estratégias sociopolíticas ("organizando posso desorganizar").

5. Triangulação de Fontes: As informações obtidas foram cruzadas para garantir a validade da análise. A permanência da crítica nas letras (Cultura) foi confrontada com a persistência dos problemas nos dados oficiais (IBGE) e nos relatos da imprensa (Documental).

Resultados e Discussão

O embasamento teórico e a análise documental, baseados em artigos acadêmicos, reportagens jornalísticas, dados censitários e composições do movimento Mangubeat, sustentam os resultados obtidos. Observamos que a realidade dos povos ribeirinhos da Região Metropolitana do Recife, embora tenha passado por algumas transformações, ainda é marcada por graves desigualdades socioambientais.

Dados Censitários e a Crítica Socioespacial

A situação de vulnerabilidade das comunidades ribeirinhas é quantificada por dados que confirmam a persistência da marginalização. Um dos indicadores mais alarmantes é o do Censo Demográfico de 2022 do IBGE, que aponta que 35% das residências em áreas ribeirinhas de Pernambuco ainda não possuem acesso adequado ao esgotamento sanitário (IBGE, 2023). Embora este percentual represente uma redução em comparação com as estimativas da década de 1990, ele evidencia que, após trinta anos, o problema não foi solucionado.

Essa persistência das desigualdades reflete uma falha estrutural no reconhecimento da cidadania. Neste contexto, a produção cultural e artística surge como uma forma essencial de conhecimento e ação. Segundo Porto-Gonçalves (2020, p. 119):

Nenhuma sociedade pode suprimir o trabalho, condição natural do intercâmbio orgânico dos homens e mulheres com a natureza. O conhecimento, seja científico técnico, artístico, filosófico, religioso ou mítico, é, sempre, criação/invenção dos homens e mulheres em circunstâncias histórico-geográficas precisas para resolver problemas que os próprios homens e mulheres se colocam não só diante da natureza, mas, também, aos desafios que colocam às relações sociais e de poder no interior das quais se movem.

A obra de Chico Science e Nação Zumbi, portanto, é um conhecimento artístico forjado em circunstâncias histórico-geográficas precisas, um meio de se posicionar diante dos desafios do poder e da natureza degradada, buscando a resolução dos problemas que o Estado negligencia. Essa perspectiva teórica sustenta a relevância da análise cultural na avaliação da realidade socioambiental.

A Dinâmica Socioambiental Refletida no Jornalismo Digital

A análise da produção jornalística digital de veículos pernambucanos sobre as comunidades ribeirinhas do bairro de Rio Doce, em Olinda, corroborou a disparidade entre o dado censitário (35%) e a realidade vivenciada no cotidiano, atuando como um termômetro das tensões socioambientais.

A reportagem do Diário de Pernambuco (2014), ao abordar as invasões nos canais de Rio Doce, ilustra claramente a interconexão de três fatores de crise: a poluição, o risco de desastres e o conflito social. O trecho reporta a tensão vivida pelos moradores:

“Nos locais mais estreitos, o canal já está completamente entupido e qualquer coisa vira alagamento”, afirmou o mecânico. “É preciso indenizar os moradores dessa invasão e retirar as casas”, opinou. [...] O esgoto das invasões é despejado diretamente nele. Segundo o aposentado Antônio Berto, 68, o lixo e a lama que ficam à beira do canal formam uma barreira, “mas mesmo assim, a sujeira ainda passa para a rua”, reclamou.

A denúncia, no entanto, é equilibrada pelo relato da vulnerabilidade dos próprios invasores, que “alegam que não têm para onde ir” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2014), refletindo o ciclo vicioso de exclusão urbana e a urgência do problema de Vulnerabilidade Habitacional (FOLHA PE, 2017).

Em contrapartida, a análise também identificou sinais de resiliência. A Mobilização Comunitária é crucial, com moradores utilizando plataformas como o Instagram para expor a poluição e exigir ações do poder público (G1 PE, 2021). Além disso, foram identificados investimentos em saneamento pela Compesa e anúncios de investimentos pelo Novo PAC para habitação e urbanização (GOVERNO DE PERNAMBUCO, 2024).

O Paralelo entre a "Lama" e o Manguebeat

É na obra do Manguebeat que a denúncia e a resistência encontram sua maior expressão. A origem do movimento, conforme a análise de Monte e Rosa (2016), advém da batida (*beat*) do

mangue, que buscava unir a cultura pernambucana com a globalização, mesclando ritmos tradicionais (maracatu, ciranda) com influências globais (hip hop, *black music* americana). Essa fusão representou uma estratégia de resistência para dar visibilidade a uma cultura e a um espaço marginalizados.

A crítica do Manguebeat atinge o cerne da desigualdade urbana. Conforme Gabriel Santos (2023) afirma em sua análise, o álbum *Da Lama ao Caos* revela um sentimento de denúncia contra um "progresso que chega apenas para alguns," descrevendo a principal contradição socioespacial: Onde o novo introduzido pelo neoliberalismo coexiste com o velho. O moderno convive com o arcaico. Os computadores e arranha-céus convivem com os mocambos e alagados onde o homem disputa comida com urubus, caranguejos para fugir da fome.

Para melhor visualizar a crítica socioambiental contida no álbum, a Quadro 1 apresenta a análise das principais metáforas e denúncias presentes nas faixas centrais de *Da Lama ao Caos* (1994):

Quadro 1 - Análise das Metáforas Socioambientais em *Da Lama ao Caos*

Problema Socioambiental Associado Referência no Artigo

Música Trecho e Metáfora Central

<i>A Cidade</i> "A lama do mocambo / Come seu molambo"	Insegurança Habitacional: Desabamento de moradias precárias (mocambos) e erosão em áreas de risco (mangue). Saneamento Básico	Precário (a lama). Censo IBGE (2023); Diário de Pernambuco (2014)
<i>Da Lama ao Caos</i>	"O de cima sobe e o de baixo desce"	Mobilidade e Exclusão Urbana: Crítica à infraestrutura modernizada (pontes e <i>overdrives</i>) que serve apenas à classe alta, enquanto a população ribeirinha permanece na base da pirâmide. Contraste Neoliberal: Denúncia de que a tecnologia e o avanço (computadores) chegam somente para a elite, coexistindo com a miséria e a fome (arcaico). Gabriel Santos (2023); Monte e Rosa (2016)
<i>Rios, Pontes e Overdrives</i>	"O moderno convive com o arcaico"	
<i>Computadores Fazem Arte</i> "De um lado, lixo e esgoto / De um outro, luxo e poluição"	Racismo Ambiental: Contraste explícito entre a miséria das periferias e o desenvolvimento desigual da cidade.	Monte e Rosa (2016) Gabriel Santos (2023)

Fonte: Elaboração própria com base na análise lírica e crítica de Santos (2023), Dantas (2019) e Monte e Rosa (2016).

A análise apresentada no Quadro 1 sustenta o argumento de que a obra do Manguebeat não

é apenas histórica, mas um espelho que reflete as contradições do presente. O impacto do movimento transcendeu a década de 1990. Monte e Rosa (2016) argumentam que o Mangubeat não só caracterizou a cidade, como também modificou sua paisagem. As músicas do início do movimento, com mais de vinte anos, ainda são totalmente atuais na dinâmica urbana da capital pernambucana. O exemplo disso é a Nação Zumbi, que atrai um grande público em seus shows, mantendo vivos os sucessos e, conseqüentemente, a denúncia pública presente em suas letras. A repetição da "lama" é, portanto, uma denúncia persistente de que, trinta anos depois, os problemas de saneamento e insegurança habitacional permanecem.

O Mangubeat e as Estratégias de Resistência no Espaço Urbano

A permanência da denúncia e a mobilização comunitária observada nos resultados impulsionam a análise das estratégias de resistência. A Figura 1, baseada em Spicer e Böhm (2006), esquematiza as dinâmicas de resistência em relação ao Estado e à Sociedade Civil, separando-as em estratégias hierárquicas (Política Institucional) e não-hierárquicas (Infrapolítica).



Figura 1 - Estratégias e espaço da resistência.

Fonte: Criado a partir de Spicer e Böhm (2006, p. 18).

O movimento Mangubeat, por utilizar a arte para forçar o debate público e a inserção no *mainstream* cultural, pode ser enquadrado como um "Movimento Social Organizado" (Sociedade

Civil). Guimarães e Carvalho (2016, p. 115) definem esses movimentos por sua formalização e estratégia política:

Grupos políticos da sociedade civil formalmente organizados que utilizam principalmente a estratégia política oficial e se organizam hierarquicamente com o intuito de eleger representantes para participar dos espaços de participação social formalizados e instituídos pelo Estado.

Embora o Maguebeat não tenha sido um partido, ele utilizou essa estratégia política formalizada para pressionar por mudanças socioespaciais. O movimento conseguiu, através da arte, o que a Infrapolítica ribeirinha faz na base: dar visibilidade e voz à marginalização.

A pesquisa documental nas redes sociais (Facebook, Instagram e X) confirmou essa dualidade. Embora as buscas por palavras-chave não tenham gerado um grande volume de conteúdo de alta qualidade, o estudo identificou ações pontuais de base que se inserem na "Resistência Autônoma/Independente" (Infrapolítica). A iniciativa Salve Beberibe, por exemplo, detalhou em contato direto o foco de seu trabalho, que ressalta a dificuldade em mobilizar o público ribeirinho:

O objetivo principal da Salve Beberibe é conscientizar a população que reside no território sobre as mazelas que assola tanto eles, o território e o rio Beberibe em particular. [...] Os ribeirinhos são o nosso principal público e já estamos desenvolvendo metodologias que nos possibilite ampliar o nosso contato com eles, pois eles vivenciam o território de maneira bem mais íntima e intensa que a gente. (SALVE BEBERIBE, 2024).

O relato evidencia que a resistência mais intensa e íntima não está na esfera da visibilidade virtual, mas sim na base comunitária (o ribeirinho que vivencia o território), manifestando a luta diária contra o caos. O foco do grupo em ações de limpeza, plantio de espécies nativas e educação ambiental alinha-se à denúncia materializada pelo Maguebeat.

Essa interconexão demonstra que a luta contra o caos e a lama se manifesta em múltiplas dimensões. A frase central de Da Lama ao Caos, "Que eu me organizando posso desorganizar" (SCIENCE; NAÇÃO ZUMBI, 1994), encapsula essa essência de mobilização, que se manifesta tanto no nível formal (como o Maguebeat) quanto no nível autônomo (como o Salve Beberibe), reforçando o argumento de que o conhecimento artístico permanece um motor de transformação social.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar a situação atual dos povos ribeirinhos do Recife, trinta anos após as críticas sociais e ambientais expressas no álbum *Da Lama ao Caos*. Através da pesquisa documental, da análise crítica das canções do Manguebeat (Quadro 1) e do cruzamento com os dados censitários (IBGE, 2023), foi possível constatar a alarmante persistência dos problemas que há três décadas denunciavam a precariedade e o abandono das periferias urbanas. A "lama" poética de Chico Science é, ainda hoje, a realidade material dos ribeirinhos, manifestada na poluição crônica dos canais e na insegurança habitacional.

A pesquisa demonstrou que a essência da crítica do Manguebeat – o contraste entre o moderno e o arcaico e a desigualdade neoliberal – é totalmente atual, conforme evidenciado nas reportagens sobre Olinda e nos dados de saneamento. Contudo, o trabalho foi além da denúncia, explorando as estratégias de resistência.

A análise revelou que a luta contra o caos e a lama se manifesta em múltiplas dimensões: tanto no nível da Infrapolítica, através de ações de base e da resistência autônoma de grupos como o Salve Beberibe (2024) e da mobilização digital; quanto no nível dos Movimentos Sociais Organizados, representado pelo impacto cultural duradouro do Manguebeat. A obra de Chico Science, ao incentivar a organização ("Que eu me organizando posso desorganizar"), continua sendo o motor ideológico que alimenta a esperança de transformação social. As políticas públicas identificadas representam tentativas de mitigar o caos, mas a magnitude e a lentidão dessas intervenções mostram que a transformação ainda exige um engajamento cívico contínuo.

É importante salientar que, devido a dificuldades logísticas encontradas ao longo do período de pesquisa, a etapa de pesquisa *in loco* e entrevistas com a comunidade, planejada como coleta de dados primários, não pôde ser integralmente realizada. Esta limitação estabelece o presente artigo como um estudo predominantemente teórico e documental, fornecendo um sólido embasamento para a próxima fase.

Sugere-se, portanto, que futuras pesquisas superem esta lacuna metodológica através de: 1) Realização de entrevistas *in loco* com moradores e líderes comunitários para capturar a voz direta dos ribeirinhos; 2) Estudo comparativo das diferentes estratégias de resistência (Infrapolítica vs. Movimentos Culturais) em outras regiões do Complexo Estuarino; e 3) Análise detalhada da eficácia dos investimentos do Novo PAC em habitação e saneamento nas comunidades afetadas.

Em suma, trinta anos após o lançamento de *Da Lama ao Caos*, as comunidades ribeirinhas de Recife continuam a lutar por dignidade. A obra de Chico Science é um espelho que reflete as contradições do presente, onde a resistência, em todas as suas formas, continua a impulsionar a esperança de um futuro mais justo.

Referências

DANTAS, Wilson Alves. *Manguebeat: resistência cultural em tempos de neoliberalismo*. São Paulo: Annablume, 2019.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. *Invasões nos canais de Rio Doce, em Olinda, agravam risco de alagamentos*. Diário de Pernambuco, Recife, 19 jun. 2014.

FOLHA PE. *Centenas de famílias invadem habitacional em área de risco em Olinda*. Folha de Pernambuco, Recife, 28 fev. 2017.

FOLHA PE. *Saneamento, drenagem e urbanismo: o que a prefeitura de Olinda tem a dizer sobre os canais da cidade*. Folha de Pernambuco, Recife, 26 jul. 2024.

G1 PE. *Moradores de Rio Doce, em Olinda, reclamam de buracos nas ruas e esgoto a céu aberto*. G1 PE, Recife, 10 fev. 2023.

G1 PE. *Moradores usam Instagram para mostrar poluição dos rios em Pernambuco*. G1 PE, Recife, 10 mar. 2021.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOVERNO DE PERNAMBUCO. *Governadora Raquel Lyra anuncia R\$ 3,1 bilhões em investimentos em obras de infraestrutura e habitação em Pernambuco*. Governo de Pernambuco, Recife, 17 jan. 2024.

GUIMARÃES, Rodrigo Gameiro; CARVALHO, Cristina. *O Movimento Manguebeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco*. Políticas Culturais em Revista, Salvador, v. 9, n. 1, p. 110-133, jan./jun. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Demográfico 2022: características gerais dos domicílios e dos moradores: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: [<https://censo2022.ibge.gov.br/>]. Acesso em: 10 jun. 2025.

MANGUEBIT: o som das origens. Direção: Ana do Carmo. Recife: TVPE. 2021. Documentário, 52 Min. Disponível em: [<https://www.youtube.com/watch?v=xxxxxxxxx>]. Acesso em: 10 jun. 2025.

MONTE, Camilla Aryana da Silva; ROSA, Wedmo Teixeira. *A geografia e música no Recife: representações socioespaciais da cidade a partir das letras das canções do movimento*

Manguebeat. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18., 2016, São Luís. *Anais...* São Luís: AGB, 2016.